

A IDENTIDADE NO EU PÓS-MODERNO: FRAGMENTAÇÃO E BUSCA

*IDENTITY IN POSTMODERN:
FRAGMENTATION AND
SEARCH*

Ediliane Gonçalves
(UNEMAT)¹

RESUMO: O artigo se dedica ao estudo dos romances *As boras nuas* (2010) e *As meninas* (1998) de Lygia Fagundes Telles, enfocando a constituição identitária das personagens Rosa Ambrósio e mãezinha dentro do contexto pós-moderno. As discussões se fazem à luz de Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2005), Stuart Hall (2004), Linda Hutcheon (1991), Anthony Giddens (2002), Ítalo Calvino (2005), entre outros. Na ficção vemos um mundo em desencontro, desconhecido do homem; contradições edificam e destroem a personalidade humana num

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Câmpus de Tangará da Serra. – MT, Brasil. dilly200527@gmail.com

contínuo reencontro com seus desejos e medos. Em Lygia Fagundes Telles evidencia-se o olhar conturbado daquele que busca viver para si e para o outro que o vê, dentro de uma sociedade que exige do indivíduo máscaras sociais que o deixem em conformidade com tudo aquilo que lhe é cobrado. As personagens por meio de desencontros constroem sua identidade. Rosa Ambrósio e mãezinha vêm falar da pós-modernidade num mundo pleno de mudanças que escapam do controle humano pela sua fluidez.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Pós-modernidade. Romance. Incompletude.

ABSTRACT: The article is dedicated to the study of novels *As boras nuas* (2010) and *As meninas* (1998) by Lygia Fagundes Telles, focusing on the identity constitution of Rosa Ambrósio and "mãezinha" in the postmodern context. Discussions are made starting from Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2005), Stuart Hall (2004), Linda Hutcheon (1991), Anthony Giddens (2002), Italo Calvino (2005), among others. In fiction we find a world in mismatch, unknown to the man; contradictions edify and destroy the human personality in a continuous rediscovery of their desires and fears. In Lygia Fagundes Telles is evident in the troubled view of one who seeks to live for yourself and to the other who sees him, within a society that requires an individual social masks to be left in accordance with all that is charged to him. The characters by means of disagreements build their identity. Rosa Ambrósio and "mãezinha" come address about post-modernity in a world full of changes which escape of human control for its fluidity.

KEYWORDS: Identity. Post-modernity. Novel. Incompleteness.

O presente artigo pretende abordar o caminho para construção identitária realizado por duas personagens ficcionais de Lygia Fagundes Telles: Rosa Ambrósio, protagonista do romance *As boras*

nuas (2010) e mãezinha, personagem secundária do romance *As meninas* (1998). As tramas giram em torno da velhice e da não aceitação das mudanças vindas com ela. O romance *As meninas* é protagonizado por Lia, Lorena e Ana Clara e apresenta as personagens em meio às suas buscas e descobertas, num cenário de repressão, fuga e morte. Mãezinha é a mãe de Lorena, a intelectual da turma de jovens, que junto com a mãe mantém financeiramente o grupo. *As horas nuas* narra a história de Rosa Ambrósio que deseja se afirmar, ser inesquecível através de suas memórias cercadas de angústia, bebida e abandono. Outrora atriz de sucesso, a sua vida transformou-se num caos agravado pela não aceitação de sua própria imagem.

Observamos que os sujeitos ficcionais constituem-se da leitura artística sobre a sociedade real. Nascidos no vazio, cheios de questionamentos sobre si mesmos, não conseguem respostas satisfatórias. A representação e a localização de suas identidades se modificaram, pois a interdependência global está “produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [...]”. (HALL, 2004, p. 74). Ainda mais no experimentar da velhice, na destituição do poder econômico dentro de um mundo que se volta para o novo. Como ficariam Rosa Ambrósio e mãezinha dentro do mundo globalizado que as abraça? É possível construir/encontrar uma identidade em vertiginosa mudança social?

Nesse contexto, interessa-nos no presente estudo destacar a construção ou constituição da identidade associada à velhice. Lorena comenta a inconstância de mãezinha nos seguintes termos: “- Já vi mãezinha se estatelar e se levantar umas três vezes, coitadinha. Levantou-se das três, é lógico. Esta é a quarta, querida.” (TELLES, 1998, p. 257). São peças que procuram seu encaixe, nem sempre perfeito exigindo uma retomada.

Da mesma forma, Diogo, ex-marido de Rosa Ambrósio, pouco antes de deixá-la, revela-lhe que não tem sentido o seu

descontentamento. “- Uma privilegiada e se queixando, estou ficando velha! É ouvir conversa de puta que não se conforma, ih! estou feia, ih! ninguém me quer... [...] Vai voltar a se amar que eu sei.” (TELLES, 2010, p. 110). Na clareza dos diálogos, a certeza de que a estabilidade é algo distante das personagens e da identidade que as mesmas perseguem ao longo dos anos, sem consolidá-la, pois o tempo deixou suas marcas vincadas física e emocionalmente no sujeito.

Segundo Hall (2004), na pós-modernidade há uma desacomodação nas identidades que estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas, além do mais, pouco compreendidas. A fragmentação a que ele se refere diz respeito a paisagens culturais, gêneros, classes, sexualidade, raça e nacionalidade que atingem e modificam nossa identidade, “abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. (HALL, 2004, p. 9). A estrutura identitária sofre na pós-modernidade, não podendo se recompor através da solidez, mas somente daquilo que é fugaz, leve e fragmentado.

O centro não mais se sustém, tudo se desintegra, pois os homens são “agentes e pacientes do processo diluidor que desmancha no ar tudo que é sólido”. (BERMAN, 1986, p. 87). O cenário mundial foi transformado e os papéis anteriormente estabelecidos tornaram-se irreconhecíveis como a mudança que repercutiu em seus atores. Daí Rosa Ambrósio se lamentar: “Quando Gregório foi embora, quando ele [Diogo] acabou indo também fiquei me vendo em estilhaços. Cacos!” (TELLES, 2010, p. 105). A vida não condiz à imagem que se fragmenta em pedaços cada vez menores.

Lia, ao traduzir a imagem de mãezinha, revela: “As lágrimas correm, correm na cara esticada, sem o menor vinco. Mas as mãos são tortuosas como raízes expostas de uma planta arrancada da terra.” (TELLES, 1998, p. 229). Dessa maneira podemos entender que o despedaçamento de nossa sociedade apenas revela que ela está em conformidade com o momento social-histórico que vivemos.

Para traçar uma história do sujeito em constante sobressalto destacamos a fala de mãezinha: “Tenho horror das pessoas entrarem sem bater, que vem por detrás para fazer surpresa, horror de estar desprevenida e é isso que a morte faz, não dá tempo”. (TELLES, 1998, p. 233). O medo da personagem era de ser flagrada sem maquiagem e sua face pudesse revelar traços com os quais ela não se identificava. Se antes era possível um cálculo coerente como a de uma identidade única, isto não acontece mais. A protagonista de *As horas nuas* revela-se indignada, consigo mesma desabafa: “Tanta luta. Estou esbagaçada – [...] O que eu queria dizer é que não tenho saudade do que aconteceu mas do que não aconteceu, hein?!”. (TELLES, 2010, p. 41). Estamos diante de um eterno desconhecer-se a si mesmo, por isso o indivíduo se isola, se perde diante dele e da multidão.

As personagens têm sua vida social transformada: Rosa Ambrósio sai de cena, perde a fama, se distancia do aplauso e perde o *status* de estrela; mãezinha perde o marido, se ilude com novos amores, precisa vender a fazenda que lhe concedia certa nobreza, deslocando-a do chão seguro abaixo de seus pés. Ambas experimentam fatores sociais e históricos que as dividem social e historicamente diante da vida que não mais é ‘controlada’ por elas.

Além das mudanças históricas, Hall elenca cinco elementos impactantes que causaram o descentramento final do sujeito cartesiano: 1 - o indivíduo é singular e real em todo universo. 2 - O homem se constrói no olhar do outro através dos processos psíquicos. 3 - O sistema linguístico ao qual o sujeito pertence é social e não individual. 4 - A espécie humana tem “poder disciplinar” que é a regulação do indivíduo e do corpo. 5 - Diz respeito aos novos movimentos sociais e aos impactos que estes trouxeram à sociedade. Embora o homem ao qual dispensamos atenção neste estudo, seja ficcional, encontramos nele, diante da velhice, aspectos que denunciam impactos na vida psíquica do homem regulado historicamente. A protagonista de *As horas nuas* dispara seu inconformismo: “Fiquei sozinha para me executar, sou meu carrasco.

Pior do que um estranho porque já me amei, Tum!, disparo no coração do coração. Caio redondamente morta”. (TELLES, 2010, p. 50). O lamento é pela ausência de Diogo, pela morte de Gregório e, principalmente, pelo desamor que sente por ela mesma, pois buscou construir-se no olhar do outro. Através das mudanças, o sujeito “foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas [...]”. (HALL, 2004, p. 46). Por isso o desamor de Rosa Ambrósio fala tão alto a ponto de fuzilar-se metaforicamente. Não se encontra, se dilui na incerteza da velhice que chegou agravando a sensação de fragmentação e perda.

O que seria, então, ser moderno? E por que a identidade segue em contínua montagem como num jogo de experimentação? Bauman nos fornece pistas para caminharmos nesse rumo investigativo.

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiantamento da satisfação’[...] mas por causa da *impossibilidade* de atingir a satisfação [...]. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, [...] também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado. (BAUMAN, 2001, p. 37. Grifo do autor)

É um tempo de desconforto, que despreza a calma e tudo que tende a ser definitivo. Sobreviver nessa sociedade significa aderir à fluidez, estar aberto a novidades.

Observamos essa premissa na fala desencantada de Rosa Ambrósio: “Tantos espelhos. Mas só agora me vejo, [...] cheia de carências e aparências, [...]”. (TELLES, 2010, p. 16). Vemos aí a impossibilidade de atingir a satisfação, tudo que almeja não passa de projetos não concluídos. Ao voltarmos o olhar para o romance *As meninas*, observamos, através da constatação de Lorena, que mãezinha finge interesse por Mieux (seu jovem marido), mas “não

fica à vontade [...]. Representa. Mas continua insatisfeita e catastrófica com mais medo da velhice porque já está na velhice, coitadinha”. (TELLES, 1998, p. 62). É passado o tempo da nostalgia, ou da ilusão de relações fixas de qualquer natureza, pois sente a instabilidade da relação que precisa se alimentar de aparências para ser mantida.

A possibilidade de construir novas identidades ou destruí-las parece ilimitada diante do que o mundo de opções nos oferece. Quando avaliamos o poder trabalhista concedido pela economia hoje, e constituinte da identidade de cada indivíduo, retomamos a condição das personagens ficcionais que movem nosso estudo, pois estas encontram-se desprovidas do poder econômico que as identificava em outro tempo. Agora, resta-lhes um tempo que se esvai sorrateiramente sem submissão. Contudo, a mudança não é sempre uma opção individual (principalmente em relação ao trabalho), nela está a ruptura de certos laços, de certos compromissos e relações já estabelecidas e a escolha possível para aquele que sofre (pois não foi consultado para tanto) é aceitar, pois a economia é a força que move a engrenagem social.

O capitalismo mudou do sistema pesado trabalhista – *hardware* – para o sistema leve e mutável – *software*. O espaço é transposto velozmente, o tempo tornou-se instantâneo. A segurança sobre esse também não mais existe.

A presente versão ‘liquefeita’, ‘fluida’, dispersa, espalhada e desregulada da modernidade pode não implicar o divórcio e ruptura final da comunicação, mas anuncia o advento do capitalismo leve e flutuante, marcado pelo *desengajamento* e enfraquecimento dos laços que prendam o capital ao trabalho. (BAUMAN, 2001, p. 171. Grifo do autor).

Vivemos o reino do ‘agora’. O mundo é o terreno da insegurança, a margem certa que o sujeito possui é a imprevisibilidade, então o que ele poderá fazer é livrar-se o mais breve possível de tudo que lhe causa dor, que atrapalhe seu

movimento para equiparar-se aos demais ‘felizes globais’, mesmo que ainda, de alguma forma, não passe de uma imitação. Na personagem mãezinha a mudança representativa para se enquadrar a cada momento nos impressiona. Lia como interlocutora da personagem a analisa através do monólogo interior nos seguintes termos:

Esta chorando e eu procuro e não encontro nada o que dizer enquanto ela chora silenciosamente. Ela estava de terninho branco quando nos vimos, um terno de flanela que Lorena chamaria *impecável*. [...] Saía de uma plástica, eufórica. Mas é esta aquela fagueira senhora? Derreteu-se como um sorvete de chocolate e creme, mais creme do que chocolate. (TELLES, 1998, p. 228. Grifo da autora).

A inconstância da personagem diz muito deste homem que foi deslocado, que não se encontra no que vive, também se desestabiliza e precisa retomar novas representações dependendo das circunstâncias. Lembrando que com Mieux ela apenas representava, usava a máscara da mulher feliz. É curioso, também, como a atriz Rosa Ambrósio relata sua primeira representação, o desempenho de atriz na máscara real que a vida lhe cobrou muito cedo. Diante da morte de Miguel (seu primeiro amor), já consumada, e a festa de casamento da prima que não podia ser destruída, ela ouve a voz de sua mãe:

- Ele está morto, querida. Nada pode mudar esta tragédia. Queria então que você engolisse o choro e fosse ao casamento como se nada tivesse acontecido, está me entendendo? [...] Seria meu primeiro papel importante, representar uma menina feliz, Vai, filha, depressa! (TELLES, 2010, p. 213).

Ela foi, representou tão verdadeiramente: dançou, bebeu e divertiu-se como se nada tivesse acontecido, embora Miguel fosse

seu primo e primeiro amor. Foi nessa festa que ela conheceu o jovem Gregório e rodopiou em seus braços ao som do baile que animava a festa de casamento. É com identidades tão surpreendentes como esta, sobras e máscaras sociais, que o ser se apresenta diferenciando a intimidade daquilo que é público.

Na concepção teórica aqui adotada, procuramos coerência rumo à investigação sobre a identidade, portanto, tomamos o pensamento de Anthony Giddens (2002) ao constatar como as transformações da modernidade atingem o ‘eu’; este ‘eu’ que globaliza e ao mesmo tempo afasta o homem de si mesmo. Segundo o autor, a ordem social sofreu grande mudança rompendo com hábitos tradicionais causando impacto na sociedade. “A modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (p. 9), tanto em relação ao pessoal quanto ao aspecto global dos acontecimentos. Mãezinha é radical ao declarar: “escondo a velhice como um criminoso esconde a vítima, tamanho pânico que descubram, que espalhem”. (TELLES, 1998, p. 242). Aspectos pessoais alterados radicalmente para que o ‘eu’ globalizado se uniformize com o restante da massa. Tempo e espaço são reorganizados modificando conteúdo e natureza cotidiana em constante desajuste. Esse mundo cria formas diversas de fragmentação e dispersão que atingem o indivíduo inserido nessa sociedade.

As relações de confiança do ser enquanto ser são caracterizadas pelas suas experiências durante toda vida, desde a infância e com base no contato que se estabelece com os primeiros responsáveis é que a sociabilidade de cada um ensina-o a diferenciar o eu e o outro.

A confiança básica é um dispositivo de triagem em relação a riscos e perigos que cercam a ação e a interação. É o principal suporte emocional de uma carapaça defensiva ou *casulo protetor* que todos os indivíduos normais carregam como meio de prosseguir com os assuntos cotidianos. (GIDDENS, 2002, p. 43. Grifo do autor).

O ‘casulo protetor’ resguarda emocionalmente o indivíduo e garante-lhe relativa proteção contra o ataque externo. Bachelard (1989) mostra o homem em busca de proteção extrema, como se ele pudesse fazer de sua casa uma extensão do próprio corpo, análogo ao que postula Giddens acerca do ‘casulo protetor’. Em busca de defesa, “O homem quer habitar a concha. Quer que a parede que protege o seu ser seja inteiriça, polida, fechada como se sua carne sensível devesse tocar as paredes de sua casa” (p. 140). Dessa forma, teríamos proteção e refúgio físico e emocional, estaríamos blindados diante do universo, que por vezes, se apresenta tão áspero comparado à fragilidade humana.

No romance *As meninas*, vemos mãezinha lamentar suas escolhas e ao mesmo tempo anunciar outras que se derramam como uma esponja de fel que lentamente começa a pingar:

Sou uma insensata, uma leviana. Deixar minha filhinha no meio de uma gente que nem sei quem é e ir viver com um homem que se ri de mim, que me trai o quanto pode. Se não tomasse chá amargo, ele já teria me matado com doses de arsênico no açúcar. (TELLES, 1998, p. 198).

Impelida pelas circunstâncias ela abandonou tudo para viver um amor que agora zomba dela, que a deixa cheia de desconfianças, obrigando-a a provar amargura no próprio chá. As relações já não inspiram confiança e fazem com que o indivíduo seja coagido à novas escolhas. Constatamos que mesmo na velhice a construção da identidade do indivíduo segue a mobilidade e o desajustamento que cerca toda a sociedade.

No corpo socializado está a necessária presença do outro, a dependência faz com que Rosa Ambrósio clame: “Preciso de você para me ver melhor nas minhas fraquezas. Aceitei ser seu espelho deformante mas nele me via perfeita”. (TELLES, 2010, p. 105). A aparência tem fundamental importância ao que o eu projeta, porém deve haver consonância entre o conforto e a segurança do corpo

com aquilo que se deseja encontrar, mesmo diante de relações que se encaminham para o esfacelamento, o outro, seja ele quem for, tem papel relevante. Os relacionamentos cada vez mais fluídos e desconexos sempre prontos a se estatelar de um ponto mais alto para chegar aniquilado ao solo. Atingindo a identidade do homem, comprovando na ficção o pressuposto firmado teoricamente.

O que mais ainda a ficção reservaria? Calvino (1990) propõe valores literários fundamentais apontando e situando-os dentro do nosso milênio. As propostas que ele apresenta são leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e ainda teria consistência conforme o planejamento que ele fez, mas que não pode executá-lo, morreu pouco antes. Os apontamentos feitos por Calvino, dizem muito ao que vemos nos romances estudados e a arte que de forma geral tem como matéria prima a humanidade e seus anseios. “Minhas reflexões sempre me levaram a considerar a literatura como universal, sem distinções de língua e caráter nacional, e a considerar o passado em função do futuro”. (p. 10). Sem desprezar o passado é que suas propostas se arquetam e caminham apontando para o que está por vir, no entanto não se despreza que o momento de concebê-lo é o presente.

Ao destacar a leveza Calvino enfatiza, “esforcei-me por retirar peso, ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades; esforcei-me sobretudo para retirar o peso à estrutura narrativa e à linguagem”. (CALVINO, 1990, p. 15). Essa oposição ao peso, ao estático nos parece a reafirmação da condição liquefeita do homem que temos trabalhado: a leveza na narrativa expõe as sutilezas ficcionais para destronar a dureza, a definição sobre a qual o homem pensa alicerçar-se.

A ficção lygiana é capaz de tornar eventos pesados como a morte no retrato da beleza. A trágica morte de Ana Clara por overdose perde o sentido trágico no encanto de sua beleza: maquiagem, roupa, cabelos, até uma fresta verde dos olhos que se mostravam, eram capazes de trazer harmonia e enxugar o pranto

de Lia e Lorena n^o *As Meninas*. Em tantos momentos o terror vivencial da personagem é levedado com sutilezas que abrandam através da linguagem o peso narrativo.

N^o *As horas nuas* gostaríamos de citar pelo menos duas condições que nos parecem concordar com a premissa calviniana. Rosa Ambrósio ainda adolescente apaixonada pelo primo Miguel, vestida de amarelo para uma festa, corre até a casa dele para que ele fosse o primeiro a vê-la e assiste a cena dele morto, pendido no colo da mãe em estado de choque. Ao retornar para casa é aconselhada a representar tranquilidade, ir à festa e transformar o horror da morte já consumada na flutuante e encantadora figura dela mesma naquela noite. Rahul, o gato narrador e personagem, é outra figura da leveza, pois guarda e testemunha tanta dureza no seu andar aveludado e o olhar profundo em mistérios. Voar na ficção e na vida é preciso. É preciso haver leveza de pensamento, sem ser aleatório, quando a estrutura linguística pesa, as imagens criadas tornam-se leves e pairam sobre o adensado verbal significativo para a arte.

Sutilezas verbalizadas em Telles permitindo quase uma sublevação do peso bruto e vital disposto nas narrativas. Para que a linguagem alcance leveza é preciso um tecido verbal rarefeito, envolver processos psicológicos sutis, a gravidade sem peso nas histórias ficcionais faz com que a leveza se sobreponha ao peso da tragédia. Sem contar que o peso de viver é contraposto com a busca da leveza.

Para Calvino uma narrativa é um objeto mágico quando se trata de desempenhar a rapidez. Pois este não é um valor em si, está ligado à supressão de detalhes, vai direto ao ponto. A rapidez não é a velocidade física, mas a relação desta com a velocidade mental. “[...] a rapidez, a agilidade do raciocínio, a economia de argumentos”, (CALVINO, 1990, p. 56), dentro da fantasia corroboram para o bem da narrativa. A agilidade proposta numa narrativa pode transportar seu interlocutor a galope para diferentes ambientes num deslocamento inesperado que exige recomposição da linha textual seguida. A comunicação se torna especificamente uma questão de

tempo expressa na materialidade linguística do texto através da disposição estabelecida pela rapidez que se pode ter, como uma riqueza para se dispor. A rapidez também permite fugir do enredo retilíneo, por vezes enfadonho.

Dentro da exatidão, Calvino define três aspectos principais: uma obra precisa ter definição, nitidez e precisão lexical, pois “a literatura [...] é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser”. (CALVINO, 1990, p. 72). A Canaã linguística é estabelecida pela literatura que cria imagens, quebra paradigmas e que torna perceptível pela sensibilidade estética, as mazelas que afligem o homem em qualquer tempo. No entanto, só isso não basta, outra bifurcação se apresenta: “de um lado, a redução dos acontecimentos contingentes a esquemas abstratos que permitissem o cálculo e a demonstração de teoremas; do outro, o esforço das palavras para dar conta, com maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas”. (CALVINO, 1990, p. 88). A exatidão trilha o caminho da arte e da ciência com a premissa de ser o mais clara possível, de expor cada objetivo dentro de um intrincado mundo de novas e volumosas descobertas que colocam a massa humana num constante sobressalto.

A escrita precisa deixar exposta sua capacidade visível da descrição de cada evento para firmar o processo imaginativo que o texto desencadeia. A construção visual, tantas vezes chega a decidir, através do pensamento, situações que a linguagem não consegue elaborar sozinha. Hoje as imagens são múltiplas e várias, ‘estilhaços, depósitos de lixo’ coisas pouco relevantes. De qualquer forma, para tornar visível uma imagem, fantástica ou real é necessária a escrita. “Na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal”. (CALVINO, 1990, p. 114). Expressos na pontuação, ênfase lexical, na disposição dos caracteres que se somam um ao outro para representar as mais variadas imagens que são ao mesmo tempo iguais e diversas, pois dependem da capacidade criativa e do conhecimento que flutua de sujeito para sujeito.

A última das conferências escritas por Calvino, como proposta para o milênio em curso, é a multiplicidade dentro da literatura. Considerando tal termo é possível avaliar que na conjuntura atual o narrador se multiplica, a personagem compõe-se e decompõe-se, da mesma maneira que o uso do léxico ganha forma múltipla para também retratar a trama que enreda a personagem. O sujeito, a identidade e os conceitos representam a multiplicidade estabelecida nas relações pessoais cotidianas. “Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende à multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade”. (CALVINO, 1990, p. 138). No entanto, a própria vida se constitui de uma infinidade de acontecimentos. Vemos diariamente os mais diferentes estilos, seres que se encontram e se desencontram, constroem, destroem e reconstroem histórias de tantas e infinitas formas: a vida é multiplicidade, diante do movimento convulso de um homem que está a caminho.

N^o *As horas nuas*, Ananta, a analista de Rosa Ambrósio, desaparece ao final da trama, toma rumo ignorado e não deixa pistas que sirvam de especulação para seu destino. Sempre tão ponderada e discreta tornou-se enigma, imaterializou-se e talvez no olhar enigmático e silencioso de Rahul, alguma revelação sobre ela esteja depositado.

Linda Hutcheon (1991 p. 19) busca traçar a poética do pós-modernismo diante da imprecisão atribuída ao termo:

gostaria de iniciar afirmando que, em minha opinião, o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafiam – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia.

As palavras da autora seguem matiz política e histórica, deixando evidente que todas as formas de arte contemporâneas apresentam também essa subversão, porém ressalta que seu estudo privilegiará o romance, como forma de arte pós-moderna em evidência.

Ao que nos parece, segundo o que Hutcheon propõe, o pós-modernismo deseja desafiar, não negar a cultura de massa, por exemplo. Não tem compromisso com o único, nem com o definitivo, usa suas forças para pluralizar o movimento, seu ambiente de atuação permeia a imaginação do homem e a desordem, a arte e a vida. “O pós-modernismo atua no sentido de demonstrar que todos os reparos são criações humanas, [...] Os questionamentos pós-modernistas a respeito das certezas do humano vivem dentro desse tipo de contradição” (HUTCHEON, 1991, p. 24). Mas, qual seria o desafio pós-moderno? Submeter as instituições à investigação, a subjetividade e a arte.

Por isso, “Já não se presume que o indivíduo perceptor seja uma entidade coerente, geradora de significados. Na ficção os narradores passam a ser perturbadoramente múltiplos e difíceis de localizar”. (HUTCHEON, 1991, p. 29). O domínio de quem narra não existe mais, a identidade da experiência se desintegrou, essa estrutura textual é múltipla e vem falar das experiências multifacetadas que acompanham o homem. O pós-modernismo não deseja encontrar um novo centro, mesmo dando voz ao marginal, ao esquecido, ao relegado à própria sorte. Como é o caso da velhice que ganha voz em Lygia Fagundes Telles, a mulher despida da maturidade, perdida em meio às transformações e ao deslocamento que está sujeita diante da sociedade que já lhe aplaudiu.

A incoerência da *persona* fictícia se apresenta na desestrutura emocional da personagem mãezinha, que sai da margem (como personagem secundária da obra) para ganhar voz e denunciar o sentimento que governa o seu mundo convulso em transformações. Agora que está na velhice, desiludida com o amor e com menos

poder econômico, deseja a ‘calmaria’ de um convento, de onde pudesse apenas olhar para a vida. Envelhecer sem ser vista: “tenho pavor das testemunhas, [...] Sempre estou encontrando alguém que se lembra de mim nesta ou naquela data, as testemunhas são atentas, uma memórial! Por que as pessoas tem tanta memória? (TELLES, 1998, p. 236). O sujeito é contraditório, pois tanto suplicou a companhia do outro, agora o outro tornou-se incômodo. Na verdade não é o isolamento que se deseja, mas que não a lembrem de sua velhice. O pavor que a personagem sente é por não ter mais controle das coisas fugazes e das estruturas ruídas entranhadas nela.

Contraopondo modernidade e pós-modernidade, Bauman ressalta que ganhos e perdas constituem processos de mudança regidos pelo equilíbrio e considerados em qualquer conquista. Quem seriam os heróis e as vítimas da pós-modernidade? Há, aqui, uma relação estabelecida pelo autor que os divide entre turistas e vagabundos. A estrutura vivencial contemporânea faz mediação entre o subjetivismo e a fragmentação que atingem socialmente o indivíduo.

A projeção do espaço sobre o tempo forneceu ao tempo traços que só o espaço possui ‘naturalmente’: a época moderna teve direção, exatamente como qualquer itinerário no espaço. O tempo progrediu do obsoleto para o atualizado, e o atualizado foi desde o início a obsolência futura. [...] os homens e as mulheres modernos viveram num tempo-espaço rijo, sólido, durável [...] mas também um duro recipiente em que os atos humanos podiam achar-se sensíveis e seguros. (BAUMAN, 1998, p. 110).

A vida para homens e mulheres pós-modernos conta com a não estabilização, como se dentro de um jogo as regras fossem mudando no decorrer de seu curso, nada ficaria permanentemente fixo até o fim da disputa. Continuar fazendo parte da equipe é ter o cuidado para que as partidas sejam breves, pois o prazo estendido traria condição incerta ao jogador, a situação fugiria de controle,

como nos compromissos a longo prazo. Mover é preciso, pois assim, ao invés de ser surpreendido poderia surpreender e garantir lucro.

Como seria a identidade diante desse quadro? Como o sujeito poderia concebê-la? Aqui a invenção e o poder de compra não bastariam, seria necessário que a identidade não fosse composta de demasiada solidez, impedir que sua adesão chegasse à totalidade, pois de acordo com Bauman,

a identidade durável e bem costurada já é uma vantagem; crescentemente, e de maneira cada vez mais clara, ela se torna uma responsabilidade. *O eixo de estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe.* (1998, p. 114. Grifo do autor).

O desapego ao concreto abre espaço para o turista que chega e sai de um lugar, onde permanece por pouco tempo, sem se fixar em um local ou ter raízes fincadas em definitivo.

Na obra lygiana encontramos personagens que monologam diante de sua instabilidade emocional, deixam cair suas máscaras diante da representação diária que é a convivência ‘civilizada’. Há uma entrega confusa que se constrói na narrativa de Rosa Ambrósio, pois a trama é entrecortada, cheia de choques e retomadas que também constitui o eu presente no ato de narrar. Publicamente mãezinha e Rosa Ambrósio tentam sustentar a postura de outrora ou que pensavam ter, mas fracassam.

Quanto mais íntimo for o ambiente e as pessoas que o habitam mais protegida se encontrará a psique de cada sujeito, resguardando-o do que é público. Quanto mais cada ser conhece sobre si mesmo mais difícil será exprimir emoções e mais ele conhecerá e terá domínio do mundo. “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares”. (SENNETT, 1988, p. 17). Dessa forma, acreditam estar protegidas do declínio que toma conta do

homem exposto, a vida pública encontra-se em processo de erosão em que o individualismo gera ansiedade em relação ao sentimento de cada um.

As relações pessoais aparecem como um evento que deve ser resguardado à intimidade, fora da esfera pública; para Sennet (1988, p. 20). “o sexo é uma revelação do eu. Uma nova escravidão veio, pois, substituir a antiga. [...] vamos infinita e frustrantemente à procura de nós mesmos através dos órgãos genitais.” E a escravidão a que o autor se refere subjugou homens e mulheres que não se encontram porque precisam da aprovação do outro para construir sua própria imagem. No contato social restrito não há conexão entre o público e o privado encerrando o homem dentro dele mesmo, sem que haja desejo de manifestação social por parte do indivíduo resguardado do convívio social/público com estranhos.

Do silêncio que tomou a vida pública moderna surgiu a contradição entre ser visível e isolar-se, para tanto duas forças estão relacionadas, “o capitalismo e o secularismo, de um lado, [...] do outro: desvendamento involuntário da personalidade, superposição do imaginário público e privado, defesa através do retraimento e silêncio”. (SENNETT, 1988, p. 44). Vida pública e vida privada desacomodaram-se ao longo da história e modificaram seus conceitos, no entanto, o homem sempre foi visto e cuidado pelo olhar do outro: na exposição ou no silenciamento.

Então, indagamos, o que seria um papel social a ser representado? No romance *As horas nuas*, a protagonista da trama procura restaurar suas funções de atriz, representando diante da própria vida. “Chamei a Tiva, retoque nos cabelos, unhas claras e sem manchas, nenhuma mancha nem por dentro nem por fora, os dentes brancos, chamei Diú e resolvi tirar a máscara da soberba, Mas quem acredita?” (TELLES, 2010, p. 188). Ela deixa claro desacreditar na máscara que pretende usar, mais ainda, sabe que os outros também não acreditarão, pois o que se espera não é retorno e sim inovação. Publicamente a convenção torna-se forte instrumento

para resguardar que a intimidade de uma pessoa seja revelada à outra, obstáculos firmados para preservar a expressão íntima.

Lia, Lorena e Ana Clara, jovens que protagonizam *As meninas*, ficam perdidas e inseguras diante da instabilidade de suas relações familiares, amorosas ou com os próprios amigos. Mãezinha, mãe de Lorena, mesmo na velhice, ainda não conseguiu construir seu eu, se perde diante de uma identidade fugaz e irresoluta por causa de seus laços emocionais fragilizados. Se já há um distanciamento e silenciamento que separa homem público e privado, queremos nos deter à liquidez do amor que se traduz de infinitas formas, dilacerando a identidade do homem e proporcionando um completo desencontro rumo à construção do ‘eu’.

Nos relacionamentos a liquidez de sentido se torna mais perturbadora, é mais comum e mais visível socialmente. A virtualidade das relações permitida pelos meios de comunicação, “parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna”. (BAUMAN, 2004. p. 8). A facilidade com que se começa é a mesma que finda. Só assim a liberdade de cada indivíduo pode ser concedida, para que os relacionamentos não se tornem um exercício determinante na arte tanto da conquista quanto do descarte.

As experiências vividas permitem às pessoas construir suas memórias, os relacionamentos são estabelecidos com base nos lucros que a relação pode trazer e se manterem, se o ganho for satisfatório. Quando observamos Rosa Ambrósio, no auge da carreira e da beleza substituindo Gregório, o esposo, por Diogo, o jovem secretário que a encantava com sua capacidade e disposição, vemos o quão insatisfeita ela se encontrava num casamento que havia se tornado apenas um hábito, com rituais pré-determinados; já não era mais ‘lucrativa’ a relação. N’*As meninas* quando mãezinha interna Roberto, o esposo, num sanatório e o deixa lá até a morte, enquanto faz plástica e tratamento rejuvenescedor à disposição de outro amor, fica claro o novo investimento.

No caso das personagens ficcionais romanescas da trama lygiana constatamos que a entrega ao novo relacionamento de ambas foi total, porém no momento em que elas não mais interessavam a Diogo e a Mieux respectivamente, o investimento foi desfeito por eles. A mesma medida de troca foi usada deixando-as sofrerem as consequências dos riscos aos quais se submeteram.

Tanta contradição dentro do mundo vertiginoso em transformação acabou por gerar resíduos humanos, excluídos por uma ou outra razão que os fazem não se encaixarem na sociedade atual. Segundo Bauman, a modernidade, desde o princípio, produziu grande quantidade de lixo humano e a produção continua em dois aspectos principais: “matéria prima humana inadequada para a nova ordem”. (2004. p. 68). São consideradas inúteis, não se enquadram aos padrões exigidos e são separados, cortados dessa ‘nova ordem’. O segundo ramo é a economia “o desmantelamento e a aniquilação final de certo número de formas e meios de os seres humanos ganharem a vida - modos de subsistência”. (BAUMAN, 2004. p. 68). Pouca produtividade e rentabilidade num mundo em constante rotação inventiva tornam essa gente lixo, diante do progresso econômico, há tanto desse lixo que o planeta está se tornando carente de aterros para eles, a indústria não os trata como deveria. A exclusão dá direito a não ter direito: como o sem teto, o desempregado, o analfabeto e outros tanto. O que mais essa liquidez pode trazer à identidade humana, onde a reconheceremos?

Bauman (2005) esclarece que no contato com o outro e na experiência que cada dia nos proporciona, “tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. (p. 17). São decisões tomadas pelo indivíduo e escolhas que precisam ser feitas, elementos cruciais para que esta ou aquela identidade seja ou não revogada da vida das pessoas.

Como vimos, o mundo é quase um renovar-se diário e não participar ativamente desse movimento coloca o indivíduo em total

obsolescência. “É preciso compor a sua identidade pessoal [...] da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça *incompleto*, ao qual faltem muitas peças [...]”. (BAUMAN, 2005, p. 54. Grifo do autor). Porém, jamais se saberá que figura será composta, é o jogo do experimentar, pode ser que algumas peças se encaixem, outras não. É uma construção às cegas e que pode ser mudada no curso de sua montagem.

Neste sentido, observamos a personagem Rosa Ambrósio quase suplicar pela companhia de Diogo, ainda que a figura não tenha enquadramento perfeito: “[...] quero apenas sua companhia, entendeu, Diogo? A sua fala, o seu riso, a sua graça. A sua música e a sua angústia, quero também essa angústia quem sabe te distraio com aquelas piruetas hein?!... Amante-irmão.” (TELLES, 2010, p. 190). A mesma falta de encaixe se aplica às relações humanas, pois estas podem ser conflitantes e motivadas tanto pelo desejo quanto pelo medo e a hesitação. O homem líquido-moderno tornou-se o homem sem vínculos. A identidade é provisória e composta de escolhas feita entre infinitas disposições. Ter uma única, longa e durável identidade é muito arriscado, pois esta só é necessária para ser exibida e não armazenada.

A discussão apresentada nesse artigo procurou apontar como a ficção é capaz de ler a sociedade e permitir que através dela temas contundentes, como o que aqui tratamos, sejam expostos, venham à tona buscando tirar os véus da frustração e da hipocrisia. A transitoriedade das coisas, da vida e dos próprios conceitos nos lança no espaço moderno-líquido, capaz de mostrar que os alicerces podem ser abalados a qualquer momento para que uma nova edificação se erga em seu lugar.

Sabemos que as considerações a que chegamos aqui, nos trouxeram outras tantas inquietações teórico-literárias voltadas ao homem e especialmente ao estudo da narrativa. Num leque de imensas possibilidades pudemos contemplar o que a riqueza estética do romance/prosa pode nos conceder.

A prosa de Lygia Fagundes Telles privilegia e dá voz ao que está à margem, ao que passa sem ser notado: o velho, o fraco, o homossexual, o louco, o desequilibrado e tantos outros que a máscara rançosa da sociedade procura encobrir. O homem desnudo e sem pudor de suas fraquezas é análogo ao homem real que subtrai, trapaça e pisa em outros para chegar onde quer. As personagens focalizadas procuram no espelho da memória a própria imagem e se veem desfeitas, destituídas da autoestima que outrora nutriam. O esboçar narrativo dos romances nos permitiram reconhecer o processo revelador da identidade, mesmo que incompleta e por tantas vezes vazia, pois a disposição desta também compunha no romance cada uma das personagens. O quebra-cabeça incompleto que é a identidade do sujeito será sempre um jogo de experimentação em tempos pós-modernos podendo haver ou não ajuste perfeito, além da possibilidade de mudanças.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Disponível em: <http://amorliquido livro.blogspot.com.br/>. Acesso em 19 jul. 2012.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchio. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E.A (Org.) **O mal-estar no pós-modernismo**: teorias e práticas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- POLAN, Dana. O pós-modernismo e a análise cultural na atualidade In KAPLAN, E.A (Org.) **O mal-estar no pós-modernismo**: teorias e práticas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **As horas nuas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

